

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: INTERFERÊNCIAS SIGNIFICATIVAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

LIMA, Cíntia de Queiroz Fernandes.¹
MASSON, Aline Tamara.²
MOURA, Cristina Daiany.³
HILGERT, Ione Maria Piazza.

RESUMO

A Contação de Histórias Infantis é o tema abordado no presente artigo. Para desenvolvimento do tema foram realizadas entrevistas com professoras das séries iniciais da Educação Básica de algumas escolas particulares do Município de Cascavel, interior do Paraná, com a finalidade de investigar se os professores usam a Contação de histórias no contexto da sala de aula e, se os mesmos percebem a interferência das histórias infantis no processo do desenvolvimento e da aprendizagem significativa, envolvendo valores e atitudes. As referidas entrevistas serão apresentadas e comentadas na apresentação dos resultados e fundamentarão o presente trabalho. O embasamento teórico desta pesquisa bibliográfica e de campo foi obtido dos seguintes autores: Fanny Abramovich, Cléo Busatto, Nelly Novaes Coelho, Regina Zilberman, entre outros. Com base na pesquisa bibliográfica e na pesquisa de campo provou-se a relevância da leitura de histórias infantis para os alunos, assim como, a leitura possibilita o poder da criatividade, da curiosidade, da imaginação que são fatores imprescindíveis para o aprendizado dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias infantis, interferências. Aprendizagem significativa.

1. INTRODUÇÃO

¹ Cíntia de Queiroz Fernandes Lima Acadêmica do curso de Pedagogia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: cintia23qfer@hotmail.com

² Aline Tamara Masson Acadêmica do curso de Pedagogia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: aline-masson@hotmail.com

³ Cristina Daiany Moura. Acadêmica do curso de Pedagogia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: cdmoura2015@gmail.com

Ione Piazza Hilgert, Professora Mestre do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: ionehilgert@gmail.com

O trabalho em pauta pretende abordar a importância da contação de histórias infantis na sala de aula, enfatizando a interdiência dessas histórias na formação dos valores e atitudes dos alunos.

Sabemos que a maioria das histórias infantis, principalmente as clássicas, como: Chapeuzinho Vermelho, Os três Porquinhos, A Bela Adormecida, Cinderela e tantas outras, apresentam personagens malvados que estão sempre querendo prejudicar os personagens frágeis, indefesos e bondosos. Será que existe uma preocupação dos professores em levar os alunos a refletirem sobre o comportamento desses personagens, levando a criança a identificar o certo e o errado em cada atitude? Ou seria melhor deixar de lado histórias com ensinamentos negativos e passar a contar apenas às histórias que apresentam algo positivo para a formação das crianças?

Será que os professores observam os comentários dos alunos sobre o comportamento dos personagens das histórias contadas? Aproveitam esses momentos para levá-los a identificar o certo e o errado? Observam se os alunos tentam imitar o comportamento dos personagens? Ou a maioria dos professores contam as historinhas infantis apenas para preencher o tempo ou para distrair as crianças?

A formação de valores e atitudes desde os primeiros anos de vida é de fundamental importância para a construção do pensamento, satisfatória interação com o meio e com as pessoas. Nas fases iniciais do desenvolvimento, ouvir historinhas, e refletir sobre as mesmas com a orientação dos educadores, sejam pais, professores ou cuidadores, é uma possibilidade real de aprendizagem significativa. Aprendizagem esta, que o ensinamento transmitido, é interiorizado, levado pela vida afora e é capaz de provocar mudança de comportamento.

David Ausubel, psicólogo norte-americano, é o pai da Teoria da Aprendizagem Significativa. O mesmo enfatizava que: A aprendizagem é significativa quando existe na estrutura cognitiva do aluno pontos de ancoragem que o referido psicólogo denomina de conceitos subsunções. (AUSUBEL,1968) As histórias infantis poderão servir para formar os conceitos subsunções e pontos de ancoragem para os ensinamentos futuros.

Carl Rogers, considerado um representante da corrente não diretiva da educação, é adepto e defensor da Teoria da Aprendizagem Significativa, afirma o mesmo que aprendizagem é muito mais do que uma acumulação dos fatos, a aprendizagem

significativa provoca modificações no comportamento do indivíduo, na orientação de suas escolhas futuras, nas suas atitudes e personalidade. (ROGER,1988).

A elaboração do artigo foi realizada fundamentada em pesquisa bibliográfica e entrevistas com professores das séries iniciais da educação básica. As entrevistas oportunizaram um momento de reflexão sobre a prática da Contação de histórias na sala de aula, vez que o trabalho em foco pretende fazer uma abordagem crítica reflexiva sem a pretensão de ser conclusivo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO OU FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Pesquisa de cunho teórico, acerca da construção de conhecimento, como princípio educativo, através da leitura de obras de grandes teóricos pensadores da literatura buscamos unir, aqueles que tem um olhar mais crítico, envolvendo na contação de história interesses relacionados a entretenimento, instrução e prazer, desenvolver capacidades de emoção, admiração, compreensão do ser humano e do mundo a sua volta, enriquecendo suas experiências escolares, afetivas e sociais.

2.1 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO: HISTÓRIAS INFANTIS E SUA ORIGEM

Neste momento, queremos apresentar algumas reflexões sobre o significado do termo “literatura”, o qual concietuamos após estudo bibliográfico. Vamos abordar neste trabalho a literatura enquanto a arte de escrever; o conjunto de obras escritas em prosa e verso. Conjunto de livros que tratam de forma inusitada um determinado assunto.

Acreditamos que através das obras literaturas podemos unir: entretenimento, a imaginação, as comparações, o lúdico e o prazer. Além de reunir a beleza das palavras e das imagens, aproveitando a energia positiva e produtiva através das situações de enriquecimento nas ações de aprendizagem.

A literatura infantil teve caminho aberto em nosso século a partir de estudos da psicologia experimental a qual revelou a inteligência como elemento estruturador do universo de cada indivíduo (construindo de forma singular) chamando atenção para os diferentes estágios do seu desenvolvimento. Na sequencia, isto é, no século XVII, surgiram as histórias voltadas especificamente para o público infantil.

Segundo Cademartori (1987) a literatura infantil divide-se em, dois momentos. A escrita e a lendária. Esta última nasceu da necessidade das mães contarem histórias para seus filhos. As referidas histórias eram apenas contadas não eram registradas por escrito. No século XVII começaram a escrever as histórias dirigidas às crianças.

Pereira (2007) afirma que o surgimento das histórias infantis escritas no século XVII tinham o objetivo pedagógico, eram usadas como livros de apoio ao ensino, com o intuito de estabelecer padrões comportamentais exigidos pela sociedade burguesa.

Zillberman (1988) “no Brasil a literatura infantil nasce no final do século XIX. Ainda de forma precária e apresentada em edições portuguesas.”

Com a extinção do trabalho escravo e com a chegada de imigrantes ocorre o crescimento da população urbana e surge um público consumidor de livros infantis. Porém, é importante ressaltar que só com o sucesso dos livros infantis de Monteiro Lobato e de Tales de Andrade foi que as editoras começaram a prestigiar a literatura infantil.

2.1 PRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Quando refletimos sobre o processo de aprendizagem significativa, antes de mais nada precisamos compreender a interação, a interligação entre o novo conhecimento e o conhecimento prévio. Pois, nesse processo, o novo conhecimento adquire significados para o aprendiz e o conhecimento prévio fica mais rico, mais diferenciado, mais elaborado em termos de significados, e adquire mais estabilidade. Até porque, o conhecimento prévio, é a variável que mais influencia no processo de aprendizagem. Visto que, só podemos aprender a partir daquilo que já conhecemos.

Nessa perspectiva o aprendiz, deixa de ser um receptor passivo. Ele deve interagir, fazer uso dos significados que já internalizou, de maneira substantiva, para poder captar os significados dos materiais educativos. Podemos dizer que, o aprendiz vai construindo seu conhecimento, pois a aprendizagem significativa é progressiva, quer dizer, os significados vão sendo captados e internalizados progressivamente e nesse processo a linguagem e a interação pessoal são muito importantes.

Partindo desse foco, destacamos que as obras literárias, histórias infantis, teatros e contos de fadas, desenvolvem a capacidade, a criatividade e a imaginação de maneira

lúdica com admiração e emoção, possibilitando a criança uma nova compreensão do mundo no qual está inserida, estimulando o gosto de ouvir histórias, enriquecendo o conhecimento que já possui, oferece possibilidades dela arriscar e vencer novos desafios, possibilitando a ampliação de conhecimento acerca de si mesma.

○ Psicólogo educacional David Ausubel é o pai da Teoria da Aprendizagem Significativa, nasceu nos Estados Unidos, na cidade de Nova York, no ano de 1918. (PFROMM, 1987).

Ausubel(1968) afirma, que para que ocorra aprendizagem é indispensável que o material aprendido seja significativo. O referido autor questiona a aprendizagem mecânica, que não leva a mudança de comportamento.

Para Rogers, (1987) a Aprendizagem significativa é mais que uma acumulação de conhecimentos, é uma aprendizagem que provoca uma modificação na orientação da ação, nas atitudes e na personalidade.

Campos(1987, p.18) afirma que explicar o fenômeno da aprendizagem é esclarecer a maneira pela qual o ser humano se desenvolve, toma conhecimento do mundo em que vive, organiza sua conduta e se ajusta ao meio físico e social.”

Para Vigotski, citado por (BOCK,2002,p.110) ...”o desenvolvimento está alicerçado no plano das interações.” Tanto Vigotski quanto Piaget dão ênfase ao desenvolvimento em intrínseca relação com a aprendizagem. Vigotski enfatiza o aspecto interacionista, enquanto Piaget ressalta a maturação e as experiências físicas. Percebe-se que quase todos os conceitos de aprendizagem, ressaltam a mudança de comportamento.

Pfromm (1987,p.14) enfatiza que os psicólogos cognitivistas defendem que “ o ser humano, ao receber as informações do ambiente, transforma essas informações graças a processos centrais no sistema nervoso e usa as informações transformadas, para tomar decisões, interagir, modificar o ambiente.”

Campos (200,p.16) afirma que “ é pela aprendizagem que o homem se prepara para o papel que exercerá na sociedade, adquire habilidades, atitudes e conhecimentos que o caracterizam com ser social.”

Analisando esses mapas conceituais dos teóricos citados acima, podemos dizer que, aprendizagem significativa é aprendizagem com significado, compreensão, sentido, capacidade de transferência, a mesma dependente essencialmente do conhecimento prévio do aprendiz, da relevância do novo conhecimento e de sua predisposição para

aprender. Essa predisposição implica uma intencionalidade da parte de quem aprende e, enquanto professores é relevante termos clareza do conhecimento que queremos que ele construa .

2.3 A FORMAÇÃO DE VALORES E ATITUDES

Segundo César Coll (2000) A escola é um espaço que contribui eficazmente como agente de socialização, promovendo a aquisição de valores, de comportamentos e de normas em seus alunos. São os valores que norteiam padrões de conduta desejáveis para manutenção da paz e bem estar social.

O mesmo autor ressalta que as atitudes fazem parte das características diferenciais da personalidade. Formam-se a partir da experiência e ativam-se na presença do objeto. Ressalta ainda que valores e atitudes evoluem e são sensíveis a influência externa.

Robert Fulghum (1986) A maioria das coisas que eu realmente precisava aprender sobre como viver, fazer e ser, eu aprendi no Jardim da Infância. Sapiência não se encontrava no topo da montanha das escolas de pós graduação, mas na caixa de areia da creche.

Durante todo o texto, o autor ressalta a importância do que é ensinado para as crianças nos anos iniciais, da vida acadêmica.

As crianças estão em desenvolvimento. Elas não nascem sabendo distinguir o que é certo do que é errado, é na família na escola e no meio social em que vivem que aprendem a se tornar adultos respeitáveis e responsáveis.”

(Engelhardt, Lisa O.2008) ressalta ainda que para levar a criança a um senso do certo e do errado precisamos entender que elas têm de atravessar vários estágios de desenvolvimento moral. Nas séries iniciais a criança é inclinada a acreditar: “tudo que eu quero é justo.” Elas podem começar a aceitar o conceito de ganhar a qualquer custo. É importante diz a autora estar atentos para as mensagens que enviamos . O conjunto de valores ensinados a elas será a ancora que as manterá firmes, especialmente durante a fase turbulenta da adolescência.

Rubem Alves (1987) no prefácio do seu livro O patinho que não aprendeu a voar, destaca que “o mundo das crianças não é tão risonho quanto se pensa. Há medos

confusos, difusos, as experiências das perdas, bichos, coisas, pessoas que vão e não voltam... O escuro da noite... O objetivo das histórias é dar as crianças símbolos que lhes permitam falar sobre seus medos. E é sempre mais fácil falar sobre si mesmo fazendo de conta que se está falando sobre flores, sapos, elefantes, patos” Enfatiza o mesmo.

Os contos de fadas sempre exerceram um grande fascínio nas crianças. Bettelheim (2004) ressalta que: “O conto de fadas procede de uma maneira consoante ao caminho pelo qual uma criança pensa e experimenta o mundo”. O mesmo autor assinala ainda que através dos contos de fada a criança aprende sobre os problemas interiores dos seres humanos e sobre suas soluções. É também passado através da contação de histórias, a herança cultural, tendo assim grande contribuição para a educação moral.

3. METODOLOGIA

A pesquisa apresentada no presente artigo é de natureza qualitativa e descritiva. Qualitativa por favorecer a interpretação de respostas abertas e ter caráter exploratório. Na pesquisa qualitativa o pesquisador estimula os entrevistados a pensarem e se posicionarem sobre determinado tema. É utilizada quando se busca percepções e entendimento sobre uma questão levantada. O pesquisador não busca coletar dados, tem como objetivo desenvolver ideias e entendimentos sobre determinado tema a partir de padrões encontrados nos dados. Quanto a pesquisa descritiva, amplamente utilizada nas ciências comportamentais, parte da premissa de que os problemas podem ser resolvidos e as práticas melhoradas por meio da observação, análise e definição dos objetivos. (THOMAS,2000).

Como parte da metodologia foi realizado inicialmente uma pesquisa bibliográfica, selecionando os educadores que se colocam sobre o assunto. Assim, o artigo tem fundamentação teórica com base nesses pensadores citados ao longo do trabalho e no seu final, nas referências bibliográficas. Posteriormente foi aplicado entrevista com professoras de duas escola particulares da cidade de Cascavel/ PR. que trabalham com crianças das séries iniciais da educação básica. As entrevistas elaboradas com

perguntas abertas possibilitaram aos professores expor a prática e o objetivo da contação de histórias na sala de aula.

Para melhor fundamentar a questão apresentada foi realizada a observação da contação de histórias na sala de aula, o que foi bastante enriquecedor, pois permitiu ver in-loco a reação e participação das crianças durante a atividade.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

A entrevista foi realizada com quatro professoras das séries iniciais da educação básica de uma escola particulares de Cascavel/PR.

Antes de iniciar a entrevista, a professora foi informada que se tratava de um trabalho de pesquisa e que ficasse a vontade para responder as perguntas de maneira clara e aberta.

OBS: As professoras serão identificadas pelas letras: A, B C D.

Segue apresentação das perguntas e respostas:

1- Você usa a contação de histórias na sala de aula. Se sim, com qual objetivo? Se não. Por que.

A- Sim uso. Com objetivo de desenvolver nas crianças o interesse pelo mundo da leitura e escrita. Onde possa ser trabalhada a oralidade a dramatização das experiências das narrativas entre outras coisas que possam despertar o mundo da imaginação de cada criança.

B- Sim uso. Com o objetivo de levar a criança a adquirir o hábito de ouvir com atenção, de concentrar-se de saber expressar sua opinião, ser capaz de recontar o que ouviu.

C- Sim uso. Com objetivo de levar a criança a aprender a ouvir com atenção e e participar no grupo dando sua opinião sobre a história.

D- Sim uso com muita frequência. Com vários objetivos. Sempre depois de contar a história levo as crianças a refletirem sobre o comportamento dos personagens. Assim aproveito para falar das atitudes certas e erradas.

2ª - As crianças conseguem identificar as atitudes certas e erradas nas histórias?

A- Sim, e alguns não esperam nem terminar a história já falam que tal comportamento é errado.

B - Sim. No final é sempre discutido o comportamento dos personagens e elas sempre conseguem identificar o que certo e o que é errado.

C - Sim.. Elas sempre identificam.

D - Sim. Elas falam logo e durante o debate sempre recriminam o comportamento do lobo, da bruxa, etc.

3ª - As crianças identificam a Moral da história?

A- A maioria consegue expressar com clareza a moral da história. No final do debate todos acabam entendendo.

B - Sim. Alguns até relacionam com situações vivenciadas no dia a dia.

C - Sim. Os que não entenderam de primeira, acabam entendendo depois do debate..

D - Algumas crianças apresentam dificuldade em entender a moral da história mas sabem direitinho responder quem agiu certo e quem agiu errado na situação.

4ª- Você acha que a contação de histórias para as crianças tem interveniência na aprendizagem significativa de valores e atitudes?

A- Sim. A historia sempre trás um ensinamento e com certeza além de desenvolver atenção, compreensão, criatividade, participação, leva a criança a identificar os comportamentos positivos e a querer imitá-los

B- Sim. Principalmente quando o educador sabe levar a criança a refletir sobre o que é certo e o que é errado.

C - Sim. Mesmo que o educador conte a historia com outros objetivos, o comportamento dos personagens vai sempre chamar atenção das crianças. Por isso é importante não esquecer de ressaltar a moral da história.

D - Sim. A criança está em desenvolvimento e nas fases iniciais a criança ainda não sabe o que é real e o que é fantasia. Por isso as historinhas precisam ser bem explicadas e comentadas pois tudo que é falado para ela tem influência na formação dos valores.

Percebe-se nas entrevistas realizadas que as professoras usam com frequência a contação de histórias na sala de aula e, que as historias são contadas com objetivos bem definidos. Todas foram unânimes em afirmar a interveniência da historinha na formação de valores e atitudes. As professoras deram vários exemplos de historinhas (em anexo) que após contadas as crianças identificam o certo e o errado e logo

apontam em si, nos colegas ou em alguém da família os mesmos comportamentos. Iniciam-se os debates e é nesse momento que a professora aproveita para a formação de valores e atitudes.

Os contos infantis como tão bem enfatiza Aguiar (2001) possibilita a criança descobrir o mundo, os conflitos, as dificuldades mas também as soluções. Através das histórias e de seus personagens, as crianças soltam a imaginação, encontram soluções para os problemas dos personagens, e passam a externar suas emoções. As entrevistadas reafirmam a colocação do autor quando relatam que as crianças tomam partido e defendem os personagens bons e recriminam os maus. Uma das professoras deu como exemplo a história do lobo mau e os 3 porquinhos. As crianças tomam partido dos porquinhos e recriminam o lobo por derrubar a casa dos dois primeiros porquinhos. Ficam felizes quando os 3 porquinhos ficam a salvo na casa de tijolos e conseguem livrar-se do lobo. A historinha “A Galinha Ruiva”, também foi citada como exemplo. A galinha tinha quatro amigos: O cachorro, o gato, o porco e o peru. A galinha resolveu fazer um pão e pediu a ajuda dos amigos, mas nenhum dos quatro quis ajudá-la. Quando o pão ficou pronto, todos queriam um pedacinho.

A professora relatou a importância da referida história para trabalhar com as crianças a ajuda mútua e a solidariedade. Foi ressaltado que as crianças, mesmo nas séries iniciais logo se posicionam e apontam o erro dos quatro animais em não ajudar a galinha.

Na Teoria da Aprendizagem Significativa Ausubel (1968) ressalta que para haver aprendizagem significativa, é preciso haver na estrutura cognitiva do aprendiz, conceitos que sirvam de base ou de ancoragem para as informações ou ensinamentos que virão a receber. As crianças levarão na sua estrutura cognitiva os conceitos aprendidos nas histórias que com certeza servirão de ponto de ancoragem para outros ensinamentos que receberão ao longo da vida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Artigo em pauta como já dito, não pretende ser conclusivo. Mas, evidencia como objetivo destacar a importância da contação das histórias infantis na sala de aula,

levando os professores ao debate e a reflexão sobre a interveniência das histórias infantis na aprendizagem significativa de valores e atitudes.

As entrevistas realizadas com perguntas abertas, possibilitaram o citado debate e reflexão, ficando explícito que mesmo quando as professoras utilizam a historinha com outros objetivos, acabam no final trabalhando valores e atitudes.

Tahan (1961) ressalta que a contação de histórias na prática educacional, desenvolve a linguagem, a aquisição de conhecimentos, a socialização, a formação de hábitos e atitudes sociais e morais. Com tão importante colocação o autor reafirma o tema abordado. A contação de histórias infantis poderá ainda preparar o aluno para ser um indivíduo participativo, crítico e reflexivo. Pontua o mesmo.

Na pesquisa realizada pode-se perceber que nas séries iniciais da educação básica, a contação de histórias é muito frequente. Na observação realizada em sala de aula foi possível confirmar o quanto as crianças ouvem com atenção e participam, se posicionando em relação ao comportamento apresentado pelos personagens. Daí se conclui que as histórias além de desenvolverem nas crianças a capacidade de auto expressão, de estimular a imaginação e desenvolver a linguagem e habilidades cognitivas, tem grande interveniência na aprendizagem significativa de valores e atitudes.

Anexos:

Os Três Porquinhos



Era uma vez, 3 porquinhos que viviam na floresta, cada um na casa que construiu.

Os dois mais novos só pensavam em brincar e não gostavam de trabalhar. Um fez a casa de palha e o outro de madeira, o mais velho que era trabalhador fez uma casa de tijolo e cimento, que lhe dava segurança. Os dois mais novos faziam troça dele, que levava o tempo todo a trabalhar e não brincava.

Certo dia, o lobo pareceu e cada um fugiu para sua casa, o lobo aproximou-se da casa de palha e começou a soprar com tanta força que o telhado e as paredes foram para o ar. O porquinho correu para a casa do outro irmão, o lobo voltou a soprar com tanta força, que depressa derrubou a madeira. Os dois porquinhos, assustados correram para casa do irmão mais velho.



E o lobo furioso voltou a soprar, mas desta vez não conseguiu derrubar a casa de tijolos e acabou por se ir embora. Os dois porquinhos aprenderam a lição, primeiro trabalhar e depois brincar.

E foram felizes para sempre.

A Galinha Ruiva



Era uma vez uma galinha que morava com seus pintinhos numa fazenda. Um dia ela percebeu que o milho estava maduro, pronto para ser colhido e virar um bom alimento.

A galinha ruiva teve a idéia de fazer um delicioso pão de milho. Todos iam gostar! Era muito trabalho: ela precisava de bastante milho para o pão.

Quem podia ajudar a colher a espiga de milho no pé?

Quem podia ajudar a debulhar todo aquele milho?

Quem podia ajudar a moer o milho para fazer a farinha de milho para o pão?

Foi pensando nisso que a galinha ruiva encontrou seus amigos:

- Quem pode me ajudar a colher o milho para fazer um delicioso pão? - Eu é que não, disse o gato. Estou com muito sono.

- Eu é que não, disse o cachorro. Estou muito ocupado.

- Eu é que não, disse o porco. Acabei de almoçar.

- Eu é que não, disse a vaca. Está na hora de brincar lá fora.

Todo mundo disse não.

Então, a galinha ruiva foi preparar tudo sozinha: colheu as espigas, debulhou o milho, moeu a farinha, preparou o pão e colocou no forno. Quando o pão ficou pronto.

...

Aquele cheirinho bom de pão foi fazendo os amigos se chegarem. Todos ficaram com água na boca.

Então a galinha ruiva disse:

- Quem foi que me ajudou a colher o milho, preparar o milho, para fazer o pão? Todos ficaram bem quietinhos. (Ninguém tinha ajudado.)

Cinderela

ERA UMA VEZ uma bela jovem chamada Cinderela que vivia com o seu pai, um comerciante viúvo e muito rico.

Cinderela perdera a mãe ainda criança e o seu pai, pensando que Cinderela precisava de uma nova mãe, decidiu casar-se novamente.

A madrasta da Cinderela, também era viúva e tinha duas filhas muito feias e muito más, do seu primeiro casamento.

Como o pai de Cinderela viajava muito, a madrasta malvada e as suas novas irmãs obrigavam a Cinderela, na ausência do pai, a fazer todos os trabalhos domésticos, fazendo troça dela sempre que podiam, e fingindo-se muito amigas na presença do pai.

Quando o pai de Cinderela morreu, por ordem da madrasta, Cinderela passou a dormir no sótão e a vestir-se de farrapos. Cinderela nada mais tinha que o seu pobre quarto e os seus amigos animais que habitavam na floresta.

Um certo dia foi anunciado naquele reino que o Rei iria dar um baile no castelo, para que o seu filho, um jovem e belo príncipe, pudesse escolher entre todas as jovens do reino, aquela que seria sua esposa.

Temendo que Cinderela fosse escolhida pois ela era realmente muito bela, a madrasta proibiu Cinderela de ir ao baile, argumentando não ter roupas adequadas para a vestir, enquanto suas irmãs experimentavam vestidos luxuosos para a festa.

Cinderela como era muito habilidosa, decidiu fazer o seu próprio vestido, com ajuda dos seus amiguinhos da floresta. No final estava satisfeita pois tinha conseguido fazer um bonito vestido.

Mas, na noite do baile, a madrasta e as suas filhas descobriram o vestido e rasgaram-no em mil pedaços!

Desolada, Cinderela foi para o seu quarto a chorar. Sentada à janela, lamentava-se:

- Como sou infeliz! Não tenho nem tecido nem tempo para fazer um novo vestido...

Nesse mesmo momento, apareceu a sua fada madrinha que lhe disse:

- Não chores mais Cinderela, pois com a minha varinha mágica transformarei esta abóbora num coche puxado por quatro lindos cavalos brancos e destes panos velhos farei o mais formoso dos vestidos!

E então, Cinderela apareceu vestida com um sumptuoso vestido azul e uns delicados sapatinhos de cristal; ao seu lado encontrava-se uma

luxuosa carruagem dourada e um cocheiro muito bem vestido que gentilmente, lhe abria a porta.

Cinderela feliz da vida, entrou na carruagem, mas não sem antes ouvir as recomendações da fada madrinha:

- O encantamento terminará à meia-noite por isso terás de voltar a casa antes da última badalada, pois tudo voltará a ser o que era.

A jovem menina acenou que sim à fada com a cabeça, e partiu em direção ao castelo.

Quando entrou no salão, Cinderela estava tão bela que a madrasta e as suas irmãs, apesar de acharem aquele rosto familiar, não conseguiram reconhecê-la.

O príncipe, que não tinha demonstrado até então qualquer interesse pelas meninas que se encontravam na festa, mal viu Cinderela, apaixonou-se perdidamente por ela.

Cinderela e o príncipe dançaram a noite inteira até que o relógio do castelo começou a tocar as doze badaladas. Cinderela ao ouvir o relógio, fugiu correndo pela escadaria que levava até aos jardins, mas no caminho, deixou ficar um dos seus sapatos de cristal.

O príncipe desolado, apanhou o sapato e, no dia seguinte ordenou aos criados do palácio que procurassem por todo o reino a dona daquele pequeno e delicado sapato de cristal.

Os criados foram percorrendo todas as casas e experimentando o sapato em cada uma das jovens. Quando chegaram a casa da Cinderela, a madrasta só chamou as suas duas filhas e ordenou ao criado que lhes colocasse o sapato. Por muito que se esforçassem o sapato não serviu a nenhuma das irmãs.

Foi então que Cinderela surgiu na sala, e o criado insistiu em calçar-lhe o sapato. Este entrou sem dificuldade alguma. A madrasta e as suas duas filhas nem queriam acreditar!

O príncipe, sabendo do sucedido, veio imediatamente buscar a Cinderela, montado no seu cavalo branco e levou-a para o castelo, onde a apresentou ao rei e à rainha. Poucos dias depois, casaram-se numa linda festa, e foram felizes para sempre.

REFERÊNCIAS:

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil - **Gostosuras e Bobices** - Editora scipione - 2005 - 5ª Edição.
- AGUIAR, Vera Teixeira. **Era uma vez...** Belo Horizonte: Formato, 2001.
- ALVES, Rubem Azevedo. **O Patinho que não aprendeu a voar**. São Paulo: Paulos, 1987.
- ÁVILA, Ivany Souza. **Algumas Idéias para Pensar sobre as Práticas Pedagógicas em Alfabetização** Brasil-Ano: 2010.
- CADEMARTORY, Ligia. **O que é Literatura Infantil**. 6ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CAMPOS, Dinah Martins de Sousa. **Psicologia da Aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- COELHO, Nelly N. Coelho. **Revista Criança- Conversando e contando história, recriando lugares: Geografia, Literatura e Educação Infantil**-Aurea da Cunha Marandola, Eduardo Marandola JR- págs.13, 14 e 15 -De contação de história
- ENGELHARDT, Lisa O. **O que é certo e o que é errado**. São Paulo: Paulos, 2002.
- MOREIRA, Marco Antonio. **A Teoria da Aprendizagem Significativa e sua implementação em sala de aula**. Brasília: UNB, 2006.
- PEREIRA, Maria Sueli. **A importância da Literatura Infantil nas séries iniciais**. Campo Largo: Junho. 2006.
- PFROMM NETO, Samuel. **Psicologia da Aprendizagem e do Ensino**. São Paulo: EPV, 1987.
- SALVADOR, Cesar Coll. **Psicologia do Ensino**. São Paulo: Artmed, 2000.
- TAHAN, Malba. **Arte A de Contar Histórias**. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.
- THOMAS J.R. NELSON J.K. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. ARTMED. 2002